

**INFLUÊNCIA DOS FATORES SOCIODEMOGRÁFICOS NA CAPACIDADE
PARA O TRABALHO DE DOCENTES UNIVERSITÁRIOS**

Emanuelle Silva de Mélo¹
Thais Morais de Medeiros²
Alecsandra Ferreira Tomaz³.

Artigo**Resumo**

O objetivo do presente estudo foi analisar a relação entre idade, sexo, jornada de trabalho, tempo de profissão e a capacidade para o trabalho de professores de uma Instituição de Ensino Superior Pública. Para tanto, utilizou-se o estudo descritivo, transversal e quantitativo, do qual participaram 89 professores de 6 departamentos da área da saúde. Foram aplicados um questionário para caracterização sociodemográfica e o Índice de Capacidade para o Trabalho (ICT). Os dados foram analisados através da estatística descritiva e inferencial. Observou-se a prevalência de docentes do sexo feminino (59,6%), com cônjuge (64,0%) e com filhos (77,5%) e média de idade de 47,74 anos (DP±8,08). Os docentes avaliaram sua capacidade para o trabalho atual entre 6 e 10 pontos, quando comparada com a melhor que já tiveram em toda a vida. Pelo escore do ICT, 70,8% consideraram sua capacidade como boa. A maioria (91,01%) apresenta algum tipo de lesão/patologia diagnosticada, porém não há registro de impedimento para o trabalho. Logo, os professores possuem boa capacidade para o trabalho, havendo associação estatisticamente significativa apenas com o tempo de serviço da profissão ($p=0,006$).

Palavras-chave: Docentes. Índice de Capacidade para o Trabalho. Doenças.

**INFLUENCE OF SOCIODEMOGRAPHIC FACTORS IN THE WORK
ABILITY OF UNIVERSITY TEACHERS****Abstract**

The objective of the present study was to analyze the relationship among age, sex, work day and time of profession with the work ability of teachers of a Public Higher Education Institution. For that, a descriptive, cross-sectional and quantitative study was used, in which 89 teachers from 6 health departments participated. A questionnaire was applied for sociodemographic characterization and the Work Capability Index (WCI). Data were analyzed through descriptive and inferential statistics. The prevalence of female teachers (59.6%), with spouse (64.0%) and children (77.5%) and mean age of 47.74 years (DP ± 8,08) was observed. They assessed their ability to work today between 6 and 10 points, compared to the best they have ever had in a lifetime. According to the WCI score, 70.8% considered

¹ Fisioterapeuta. Doutora em Modelos de Decisão e Saúde pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: eman_melo27@hotmail.com

² Fisioterapeuta. E-mail: thaismmed@gmail.com

³ Fisioterapeuta. Doutora em Engenharia de Processos. Professora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: alecsandratomaz@hotmail.com

their capacity as good. The majority (91.01%) present some type of lesion / diagnosed pathology, however, there is no record of impediment to the work. Therefore, teachers have good ability to work and there was a statistically significant association only with the time of service of the profession ($p = 0.006$).

Keywords: Teachers. Work Capability Index. Disease.

1 INTRODUÇÃO

Em decorrência do processo de globalização e das mudanças ocorridas no sistema socioeconômico mundial, assim como nas tecnologias de comunicação e informação, sucederam alterações no modo de vida das pessoas e conseqüentemente no trabalho e na educação. Assim, o conceito de trabalho, que anteriormente era restrito à subsistência, passou a ser compreendido a partir de uma perspectiva mais abrangente, como acúmulo de riqueza, satisfação pessoal e inserção social. Por conseguinte, essas transformações levaram a um processo de precarização do trabalho, cujos efeitos propiciaram o aumento das funções e da jornada das atividades profissionais, bem como uma maior exposição dos indivíduos a fatores de risco para a saúde, gerando sobrecargas físicas, psíquicas e emocionais, afetando de maneira complexa o estilo de vida e o padrão de saúde-doença dos trabalhadores (FERNANDES; ROCHA; COSTA-SILVEIRA, 2009).

Nessa acepção, a sala de aula, ambiente no qual o professor desenvolve parte significativa das atividades docentes e responde a uma demanda de exigências acadêmicas crescentes, voltadas para a qualidade de ensino, a pesquisa e extensão, e principalmente para os desafios impostos pelas determinações do mercado de trabalho e das reformas educacionais ocorridas a partir da segunda metade da década de 1990, vem contribuindo para o adoecimento dos docentes.

O perfil do docente contemporâneo, segundo Brito, Prado e Nunes (2017), tem como base a competência e a eficiência para apresentar bons resultados nas avaliações externas. Diante disso, o professor passa a desenvolver sua atividade em meio a uma imensidão de dados, indicadores, comparações e competições, em que a estabilidade é passageira e as motivações pessoais são substituídas pelas demandas profissionais.

É importante salientar que o adoecimento dos docentes só adquire dimensão significativa quando examinado a partir do contexto do processo de trabalho. Com relação a esse aspecto, nas universidades, tem-se observado, com raras exceções, que

a presença de tais processos pode não apenas prejudicar o desenvolvimento das instituições, mas também comprometer a saúde dos professores (FERREIRA, 2011). De acordo com Finck (2015, p. 2),

[...] Os problemas de saúde que afetam o meio acadêmico estão intimamente relacionados a um conjunto de fatores, entre os quais destacamos: o tipo de trabalho exercido; tendo em vista a responsabilidade pela formação de outros sujeitos; o excesso de trabalho; a precarização do trabalho; a perda de autonomia; a sobrecarga de trabalho burocrático; o quadro social e econômico e as condições de vida dos alunos.

Os danos à saúde dos docentes podem ainda ser ocasionados pelo trabalho repetitivo, ambiente profissional estressante, ritmo acelerado e fiscalização contínua no trabalho, e também por fatores como o próprio estilo de vida, o relacionamento estabelecido com alunos e colegas de profissão que, por conseguinte, contribui para a manifestação do estresse, do absenteísmo, da insatisfação, do desgaste, do baixo empenho profissional e, finalmente, para o desejo de abandono da profissão. Em condições mais graves, essas disposições podem ocasionar estados de exaustão e até mesmo depressão entre os docentes (BRITO, PRADO, NUNES, 2017; PORTO et al., 2006).

De acordo com Moura (2013), a insatisfação no trabalho e a desvalorização do professor estão entre os fatores que mais contribuem para o declínio da capacidade no trabalho, que consiste na habilidade do profissional em executar suas atividades decorrentes das exigências presentes no ambiente de trabalho e, por fim, para o abandono da docência.

Nesse sentido, o comprometimento da saúde do professor, bem como o próprio processo de envelhecimento, o modo de trabalho, o tempo de serviço na profissão e a carga horária podem interferir na capacidade laborativa desses indivíduos (MARTINEZ, LATORRE, FISCHER, 2010).

O termo capacidade para o trabalho é um importante indicador que relaciona capacidade física, mental, social do indivíduo, além das próprias exigências do trabalho. Seu conceito é capaz de abranger como o trabalhador está ou estará em um futuro próximo e quão capaz ele será de executar seu trabalho em função das solicitações, do seu estado de saúde e capacidades físicas e mentais. Investigá-la, portanto, faz-se necessário como um processo efetivo no âmbito ocupacional, por

possibilitar, por meio de sua identificação, uma tomada de decisão para a promoção de melhorias nas condições de trabalho e de saúde (MARQUEZE, MORENO, 2009; MARTINEZ, LATORRE, FISCHER, 2010).

O objetivo desse trabalho foi avaliar a capacidade para o trabalho, por meio do Índice de Capacidade para o Trabalho (ICT), bem como identificar a sua relação com as variáveis idade, sexo, jornada de trabalho e tempo de profissão de professores de uma Instituição de Ensino Superior (IES) pública no município de Campina Grande-PB.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de caráter descritivo, transversal, de abordagem quantitativa, realizada em uma IES pública de Campina Grande/PB, entre 2012 e 2014, cuja população-alvo foi constituída por professores da área da saúde da respectiva Instituição.

Foram incluídos na amostra os professores efetivos e que estavam lecionando no período da coleta de dados. Por outro lado, foram excluídos aqueles que estavam de licença ou afastados durante o período de coleta, e também os que se negaram a participar da pesquisa. Desse modo, a amostra foi composta por 89 professores.

Foram utilizados dois instrumentos na coleta de dados: um questionário para caracterização sociodemográfica e laboral dos indivíduos, abordando questões como estado civil, idade, hábitos de vida, tempo de profissão, carga horária de trabalho, dentre outras e o Índice de Capacidade para o Trabalho (ICT), que consiste em um questionário finlandês que retrata o conceito que o próprio trabalhador possui sobre sua capacidade para o trabalho e sua capacidade funcional. O questionário é composto por 7 itens, totalizando 10 questões, que são pontuadas com o valor de escore entre 7 a 49 pontos. O ICT foi traduzido para o português e testado por um grupo de pesquisadores de universidades e instituições públicas e privadas do Brasil e engloba aspectos relativos à saúde física e mental, ao bem-estar psicossocial, à capacidade individual e as condições de trabalho (TUOMI et al., 2005; MARTINEZ, LATORRE, 2009; MARTINEZ, LATORRE, FISCHER, 2010).

Os dados obtidos foram tabelados em planilha do Excel (2007) e analisados através do pacote estatístico SPSS (19.0). Foram utilizados o teste de Komolgorov-Smirnov, para verificar a normalidade da distribuição, e o teste de qui-quadrado,

para verificar a associação entre variáveis. Quando a frequência esperada no teste foi inferior a cinco, foi utilizado o Exato de Fisher com extensão de Freeman-Halton. Em todas as análises foi considerado um nível de confiança de 95% ($p < 0,05$).

A pesquisa ocorreu em conformidade com os preceitos éticos, e obteve Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 0352.0.133/2012, tendo os participantes assinado o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido, respeitando-se os aspectos éticos relativos à pesquisa com sujeitos humanos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após as análises dos dados, observou-se a prevalência de docentes do sexo feminino (59,6%), com cônjuge (64%) e filhos (77,5%). Obteve-se média de idade de 47,74 anos ($DP \pm 8,084$), com destaque para a faixa etária entre 40 e 49 anos (40,4%), de acordo com a Tabela 1.

Tabela 1 – Caracterização sociodemográfica de docentes de uma IES pública da cidade de Campina Grande-PB.

CARACTERÍSTICAS	GERAIS	DOS	N	%
DOCENTES				
Faixa Etária				
30 a 39 anos			15	16,9
40 a 49 anos			36	40,4
50 a 59 anos			32	36,0
60 anos ou mais			6	6,7
Sexo				
Feminino			53	59,6
Masculino			36	40,4
Estado Civil				
Com Cônjuge			57	64,0
Sem Cônjuge			32	36,0
Filhos				
Sim			69	77,5
Não			20	22,5
Escolaridade				
Graduado			1	1,1
Especialista			12	13,5
Mestre			15	16,9
Doutor			55	61,8
Pós-Doutor			6	6,7

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados da pesquisa, 2016.

Quanto aos hábitos de vida, a maioria relatou não fumar (95,5%), 38,2% ingerem bebida alcoólica e 33,7% possuem problemas para dormir.

A prevalência de professores do sexo feminino, casados e com filhos também ocorreu em outros estudos envolvendo docentes (ROCHA, FERNANDES, 2008; BORGES, SIMÕES, 2012; VEDOVATO, MONTEIRO, 2014).

Em relação à faixa etária, indo de encontro aos resultados obtidos em um estudo realizado na Universidade Estadual de Feira de Santana, na Bahia, com 314 docentes, observou-se a prevalência da faixa de idade entre 30-39 anos (39,5%), seguido da faixa entre 40-49 anos (35,0%) (SILVA et al., 2006).

No que diz respeito aos aspectos do trabalho docente, os quais envolveram jornada de trabalho, anos de profissão, renda, turno e ainda possibilidade de execução de atividades extras, esses seguem descritos nas Tabelas 2 e 3.

Tabela 2 – Aspectos do trabalho de docentes de uma IES pública da cidade de Campina Grande-PB.

ASPECTOS GERAIS DO TRABALHO DOS DOCENTES	N	%
Jornada de trabalho diária (horas)		
4	3	3,4
8	84	94,4
10	12	2,2
Anos de profissão		
Até 10 anos	22	24,7
11 a 20 anos	24	27,0
21 a 30 anos	29	32,6
30 anos ou mais	14	15,7
Turno		
Apenas um	3	3,4
Mais de um	86	96,6
Atividade Laboral Extra		
Sim	18	20,5
Não	70	79,5

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados da pesquisa, 2016.

Considerando as características do trabalho, observou-se que os professores apresentaram 24,42 anos de média de graduação ($DP \pm 8,10$), com a maioria possuindo título de doutor (61,8%). Os docentes exercem a mesma profissão em

média de 19,52 anos ($DP \pm 9,73$), atuando em mais de um turno (96,6%) e com carga horária de trabalho de 8 horas/dia (94,4%). Recebem aproximadamente 11,18 salários mínimos ($DP \pm 3,17$). Dos 89 professores, 20,5% exercem alguma atividade laboral extra.

Tabela 3 – Caracterização geral dos docentes, de acordo com a média e o desvio padrão.

Características Gerais	Mínimo/Máximo	Média	Desvio Padrão (\pm)
Salários mínimos	3 - 20	11,18	3,17
Anos de profissão	2 - 43	19,52	9,73
Anos de graduação	11 - 41	24,42	8,104

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados da pesquisa.

Em um estudo realizado por Silva et al., (2006), observou-se que 56,6% dos docentes investigados possuíam mestrado e doutorado e, corroborando os resultados obtidos, a maioria (53%) dos professores trabalhava 8 horas/dia, ou seja, em mais de um turno e tinha mais de 5 anos de profissão (61,1%).

Em uma pesquisa envolvendo 154 docentes, realizada por Marqueze e Moreno (2009), observou-se também a prevalência de professores lecionando em mais de um turno numa universidade em Santa Catarina (83%); entretanto, 75,32% dos professores tinham outro emprego, realizando atividade laboral extra. Essa última situação também foi identificada no estudo de Macaia e Fischer (2015), as quais investigaram o retorno ao trabalho de professores após afastamento por transtornos mentais.

Em relação ao ICT, no que diz respeito à autoavaliação da capacidade para o trabalho atual, observou-se uma capacidade média de 8,63 pontos ($DP \pm 1,02$), quando comparada com a melhor que já tiveram em toda a vida, com pontuação referida entre 6 e 10 pontos (Tabela 4). Os docentes do estudo de Marqueze e Moreno (2009) pontuaram nota superior a 7 pontos em relação à capacidade atual para o trabalho (96%).

Tabela 4 – Distribuição da população de estudo (%), segundo as dimensões do Índice de Capacidade para o Trabalho (ICT).

DIMENSÃO	Mínimo (% docentes)	Máximo (% docentes)
Capacidade para o trabalho atual	6 pontos (31,46)	10 pontos (55,06)
Capacidade para o trabalho em relação às exigências	6 pontos (2,25)	10 pontos (41,06%)
Recursos mentais	2 pontos (3,37)	4 pontos (78,65)

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados da Pesquisa, 2015.

No presente estudo, 91,01% dos docentes entrevistados referiram algum tipo de lesão/patologia diagnosticada pelo médico; destes, 29,21% possuem 5 doenças ou mais. Porém, apesar de uma maioria apresentar algum comprometimento de sua saúde, 58,43% mencionaram não haver impedimento para a realização do trabalho docente, embora 41,57% relate que a condição apresentada interfere de algum modo na profissão, precisando diminuir o ritmo de trabalho ou mudar os métodos de ensino. Nenhum professor referiu total incapacidade para o trabalho (Tabela 5).

O trabalho docente atua como uma atividade intelectual que exige do professor inovações constantes em detrimento do desenvolvimento científico, tornando o trabalho mais intenso, as relações de trabalho precárias e aumentando a susceptibilidade ao estresse. Os professores parecem estar mais expostos a doenças relacionadas a problemas vocais, lesões por movimentos repetitivos, alergias e transtornos emocionais (MACAIA, FISCHER, 2015; CANABARRO, NEUTZLING, ROMBALDI, 2011).

Entretanto, as patologias apresentadas não foram impedimento para o trabalho, uma vez que 51,69% não precisaram se afastar nenhum dia por questão de doença (Tabela 5). Todavia, 39,33% se ausentaram até no máximo 9 dias do ambiente de trabalho nos últimos 12 meses anteriores à pesquisa, apresentando um índice maior de absenteísmo quando comparado aos achados no estudo de Marqueze e Moreno (2009), os quais registraram menos de 20% dos docentes entrevistados por não comparecimento ao trabalho por até 9 dias.

No Brasil, observa-se um movimento de ampliação das atividades docentes a partir da desregulação e da redefinição das suas atividades laborais, contribuindo para a precarização de suas condições de trabalho. As novas atribuições e a urgência em

atender as necessidades provocam a intensificação do trabalho, podendo ocasionar graves consequências à saúde do professor (BRITO; PRADO; NUNES, 2017).

Tabela 5 – Distribuição da população de estudo (%) segundo as dimensões do Índice de Capacidade para o Trabalho (ICT).

DIMENSÃO	(% docentes)
Número atual de doenças diagnosticadas	
Sem doença diagnosticada	8,99
Menos de 5 doenças	61,80
5 doenças ou mais	29,21
Impedimento para o trabalho por lesão ou doença	
Não há impedimento/não há doenças	58,43
Há algum tipo de limitação	41,57
Totalmente incapacitado	0
Faltas ao trabalho nos últimos 12 meses	
Nenhum	51,69
Até 9 dias	39,33
Mais de 9 dias	8,99
Autoprogóstico do trabalho para daqui a dois anos	
Improvável de realizar o trabalho	3,73
Não estou muito certo	15,73
Bastante provável	80,90

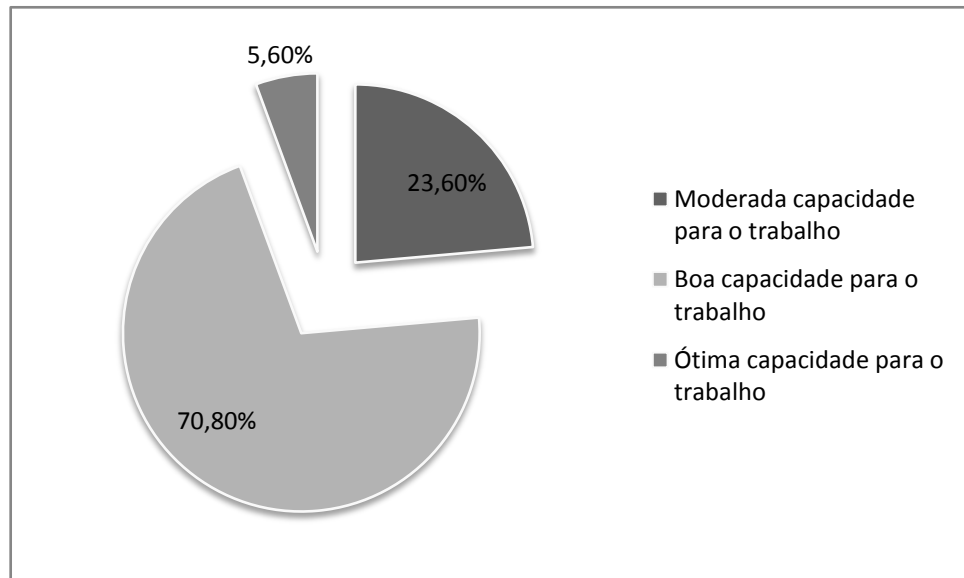
Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados da pesquisa, 2015.

Em relação ao prognóstico da capacidade para o trabalho e os recursos mentais, 80,9% relataram ser capazes de realizar a mesma profissão daqui a dois anos, bem como 78,65% têm conseguido apreciar suas atividades diárias e se sentir esperançosos em relação ao futuro, estando de acordo com os resultados obtidos por Marqueze e Moreno (2009). Porém não corrobora o obtido no estudo de Pereira et al., (2002), no qual a maioria não tinha certeza da realização do mesmo trabalho, considerando dois anos após o período da pesquisa.

O escore médio do ICT dos professores foi de 40,19 pontos (DP±4,45), ou seja, a maioria (70,8%) apresentou boa capacidade para o trabalho, conforme pode ser identificado na Figura 1. Porém, observa-se um percentual menor do que o obtido por Marqueze e Moreno (2009), em que 87% dos docentes apresentavam boa ou ótima capacidade para o trabalho. Os docentes investigados por Vedovato e

Monteiro (2014) obtiveram um escore médio de ICT de 38,6 pontos ($DP\pm 5,6$), também caracterizando boa capacidade.

Figura 1 –Classificação dos docentes, de acordo com a capacidade para o trabalho.



Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados da pesquisa, 2015.

Percebe-se que, embora a maioria dos docentes esteja na faixa etária entre 30 e 49 anos (57,3%), ou seja, em plena força produtiva, apenas um pequeno percentual (5,60%) julga sua capacidade como “ótima” (44-49 pontos), o que implica na necessidade de melhorar o ICT dessa população. A presença de alguma patologia pode determinar maior efeito negativo na capacidade para o trabalho quando comparada à faixa etária, uma vez que a partir dos 45 anos ocorre o declínio das capacidades físicas e mentais e o surgimento de doenças (HILLESHEIN, 2011; PADULA et al., 2013).

Em um estudo, foi observado que, dentre as 14 doenças mais frequentemente citadas entre os trabalhadores brasileiros que participaram nas avaliações realizadas em 1997 e 2001, 10 apresentaram associação estatisticamente significativa com capacidade para o trabalho moderada ou fraca, entre essas foram mencionadas as lesões musculoesqueléticas, distúrbio emocional leve e gastrite ou duodenite. Foram identificados, também, problemas de saúde mental e queixas relacionadas à postura e ao uso intensivo da voz (MACAIA, FISCHER, 2015; DELCOR et al., 2004; BELLUSCI, 2003).

Em um estudo realizado por Brito, Prado e Nunes (2017) sobre as condições de trabalho docente e o pós-estado de bem-estar social, verificou-se que, dentre os

problemas mais comuns, estão os distúrbios da voz, em decorrência do seu uso excessivo na sala de aula, associada a extensa carga horária assumida por muitos profissionais, o que resulta em cansaço físico e mental, desencadeadores de diversos sintomas, para os quais, em alguns casos, se faz necessário o afastamento dos professores da sala de aula.

A associação entre variáveis sociodemográfica e de trabalho com o Índice de Capacidade para o Trabalho foi realizada e apresentada na Tabela 6 a seguir. q

Tabela 6 – Associação entre as variáveis sexo, idade, jornada de trabalho e tempo de profissão e o Índice de Capacidade para o Trabalho.

VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS	ÍNDICE DE CAPACIDADE PARA O TRABALHO (%)			p- valor
	Moderada capacidade	Boa capacidade	Ótima capacidade	
Sexo				0,199
Feminino	26,4	71,7	1,9	
Masculino	19,4	69,4	11,1	
Faixa Etária				0,053
30 a 39 anos	6,7	73,3	20,0	
40 a 49 anos	25,0	72,2	2,8	
50 a 59 anos	31,3	65,6	3,1	
60 anos ou mais	16,7	83,3	0	
Jornada de trabalho				0,706
4 horas/dia	0	100,0	0	
8 horas/dia	25,0	69,0	6	
10 horas/dia	0	100,0	0	
Tempo de profissão				0,006*
Até 10 anos	13,6	77,3	9,1	
11 a 20 anos	8,3	87,5	4,2	
21 a 30 anos	31,0	62,1	6,9	
30 anos ou mais	50,0	50,0	0	

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados da pesquisa, 2015. *Associação significativa ($p < 0,05$).

A variável sexo não estava associada ao ICT ($p=0,199$), portanto ser do sexo feminino ou masculino não influenciou na capacidade para o trabalho, assim como não houve associação entre idade e jornada de trabalho com o ICT, conforme a Tabela 6, estando em consonância com o estudo de Marqueze e Moreno (2009). Entretanto, Vedovato e Monteiro (2014), no estudo sobre as condições de saúde e fatores relacionados à capacidade para o trabalho de professores, encontraram correlação significativa entre sexo e ICT, de modo que a população masculina apresentou melhor capacidade para o trabalho ($p=0,0481$), aspecto que tem sido observado, estando possivelmente relacionado ao fato de que a mulher, além da jornada de trabalho usual, ainda possui uma outra jornada ao chegar em casa, necessitando direcionar sua força aos cuidados com a família, a casa e outras atribuições envolvidas.

Observou-se correlação estatisticamente significativa entre o tempo de profissão e o ICT ($p=0,006$), de modo que quanto maior o tempo de serviço, menor o ICT alcançado, isto é, menor a capacidade para o trabalho.

Este dado contrapõe-se ao estudo de Marqueze e Moreno (2009), no qual estar contratado há mais tempo pela instituição não foi correlacionado a um menor ICT dos docentes ($p=0,17$), mesmo considerando docentes da área da saúde ($p=0,06$), semelhante ao atual estudo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que no quadro de docentes da IES prevalece o sexo feminino, com doutorado, cujo tempo de serviço como professor é superior a 10 anos. Quanto à capacidade para o trabalho, esta foi considerada como “boa” entre os docentes. Apesar de a maioria apresentar alguma condição patológica diagnosticada pelo médico formalmente, não houve impedimento para a execução da atividade laborativa, de modo a não gerar um índice comprometedor de absenteísmo na instituição.

Dentre as variáveis sociodemográficas e as características avaliadas do trabalho, apenas o tempo de profissão associou-se estatisticamente com o ICT, e os docentes com menor tempo de profissão (até 20 anos) se destacaram com melhor capacidade para o trabalho.

Houve limitação na amostra em razão da não aceitação de alguns professores da IES em participar da pesquisa e em virtude de uma paralisação das atividades

acadêmicas que durou, aproximadamente, 3 meses, coincidindo, portanto, com o período da coleta dos dados. Em relação à resistência dos professores em participar da pesquisa, observou-se que, apesar de a atividade docente exigir dos mesmos um maior aprofundamento no envolvimento científico, é necessária uma maior abertura e conscientização para a participação em estudos, no sentido de colocar-se como objeto de investigação em pesquisas dessa natureza.

Há uma carência de estudos atuais e específicos sobre esta temática, o que limitou a comparação dos resultados com a literatura pertinente e recente, o que leva os autores desse artigo a sugerir a realização de mais pesquisas envolvendo aspectos relacionados à saúde mental e também à violência, situação essa que se tornou comum nas salas de aula. Desse modo, reforça-se a importância de mais investigações na área, de forma a conhecer com maior propriedade a capacidade para o trabalho de professores e, assim, poder identificar fatores de agravo à saúde tanto nos seus aspectos mais abrangentes quanto específicos.

REFERÊNCIAS

- BELLUSCI, S. M. **Envelhecimento funcional e capacidade para o trabalho em servidores forenses**. 2003. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Faculdade de Saúde Pública da USP, São Paulo, 2003.
- BRITO, R. S.; PRADO, J. R.; NUNES, C. P. As condições de trabalho docente e o pós-estado de bem-estar social. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 10, n. 23, p. 165-174, set./dez. 2017.
- BORGES, S. C. M. L.; SIMÕES, D. S. Satisfação profissional e saúde mental: estudo empírico com uma amostra de docentes do ensino superior. **International Journal of Developmental and Educational Psychology Infad-Revista de Psicologia**, v. 1, n. 4, p. 447-455, 2012.
- CANABARRO, L. K.; NEUTZLING, N. B.; ROMBALDI, A. J. Nível de atividade física no lazer dos professores de educação física do ensino básico. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 16, n.1, p.11-17, 2011.
- DELCOR, N. S. et al. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 187-196, 2004.
- FERNANDES, M. H.; ROCHA, V. M.; COSTA-SILVEIRA, A. G. R. Fatores associados à Prevalência de Sintomas Osteomusculares em Professores. **Revista de Salud Pública**, Bogotá, v. 11, n. 2, p. 256-267, 2009.

FERREIRA, A. C. M. **Satisfação no trabalho de docentes de uma Instituição Pública de Ensino Superior**: reflexos na qualidade de vida. 2011. 126p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Enfermagem, 2011.

FINCK, N. T. L. Trabalho docente do ensino superior: uma reflexão sobre as suas ações e reações. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, XII.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO – SIRSE, III.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE (SIPD/CÁTEDRA UNESCO), V.; ENCONTRO NACIONAL SOBRE ATENDIMENTO ESCOLAR, IX. Curitiba, PR, 2015. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2015.

HILLESHEIN, E. F. **Capacidade para o trabalho de enfermeiros de um hospital universitário**: interface entre o pessoal, o laboral e a promoção da saúde. 2011. 88f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

MACAIA, A. A. S.; FISCHER, F. M. Retorno ao trabalho de professores após afastamentos por transtornos mentais. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 841-852, 2015.

MARQUEZE, E. C.; MORENO, C. R. C. Satisfação no trabalho e capacidade para o trabalho entre docentes universitários. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 14, n. 1, p. 75-82, jan.-mar, 2009.

MARTINEZ, M. C.; LATORRE, M. R. D. O. Fatores associados à capacidade para o trabalho de trabalhadores do Setor Elétrico. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, p. 761-772, 2009.

MARTINEZ, M. C.; LATORRE, M. R. D; FISCHER, F. M. Capacidade para o trabalho: revisão de literatura. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, supl. 1, p. 1553-1561, 2010.

MOURA, A. L. et al. Capacidade para o trabalho de funcionários da prefeitura de um campus universitário público. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 130-137, 2013.

PADULA, R. S. et al. The work ability index and functional capacity among older workers. **Brazilian Journal of Physical Therapy**, São Carlos, v. 17, n. 4, p. 382-391, 2013.

PEREIRA, A. M. S. et al. Saúde e a capacidade para o trabalho na docência. In: CONGRESSO NACIONAL DE SAÚDE OCUPACIONAL, IV. Póvoa do Varzim, 2002. **Anais...** Porto: Sociedade Portuguesa de Saúde Ocupacional, 2002. p. 159-167.

PORTO, L. A. et al. Associação entre distúrbios psíquicos e aspectos psicossociais do trabalho de professores. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 40, n. 5, p. 818-826, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v40n5/ao-5230.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2014.

ROCHA, V. M.; FERNANDES, M. H. Quality of life elementary school teachers: a perspective for health promotion of worker. **Journal of Brazilian Psychiatry**, v. 57, p. 23-27, 2008.

SILVA, N. E. M. et al. Trabalho docente em uma instituição de ensino superior da Bahia. In: SEMINÁRIO DA REDESTRADO – REGULAÇÃO EDUCACIONAL E TRABALHO DOCENTE, VI. Rio de Janeiro, 2006.

TUOMI, K. et al. **Índice de Capacidade para o Trabalho**. Trad. Frida Marina Fischer (coord). São Carlos: EdUFSCar, 2005.

VEDOVATO, T. G.; MONTEIRO, I. Health Conditions and factors related to the work ability of teachers. **Industrial Health**, v. 52, p. 121-128, 2014.

WANDERLEY, L. E. W. **O que é universidade**. São Paulo: Brasiliense, 1999.